

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Vinícius da Silva Martins

PERSPECTIVAS DA MORAL EM NIETZSCHE E DELEUZE

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Paulo Afonso de Araújo

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Vinícius da Silva Martins, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201873128A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **PERSPECTIVAS DA MORAL EM NIETZSCHE E DELEUZE**, desenvolvido durante o período de 24 de setembro de 2024 a 25 de Fevereiro de 2025 sob a orientação de Paulo Afonso de Araújo, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Vinícius da Silva Martins

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de (X) 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

Perspectivas da Moral em Nietzsche e Deleuze

Vinicius da Silva Martins¹

RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre Friedrich Nietzsche e Gilles Deleuze no que tange à crítica à moral tradicional ocidental, evidenciando como ambos propõem uma reavaliação dos valores historicamente impostos. Nietzsche questiona os fundamentos da tradição judaico-cristã e da metafísica clássica por meio de uma abordagem genealógica, que expõe a função repressiva da moral ao distinguir entre a moral dos senhores, que valoriza a força e a autoafirmação, e a moral dos escravos, baseada no ressentimento e na negação da vida. Para superar paradigmas morais fixos, ele propõe a transvalorização dos valores e a afirmação da vontade de poder. Em diálogo com essa perspectiva, Deleuze retoma e amplia a crítica nietzschiana, integrando-a à sua filosofia da multiplicidade e do devir, ao argumentar que a moral tradicional restringe a expressão da vida por meio da imposição de normas rígidas. Sua interpretação da vontade de poder ressalta seu caráter diferencial e criativo, sugerindo uma ética baseada na experimentação e na criação de novas formas de existência. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem analítica e qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica das obras principais de ambos os filósofos e de comentadores especializados, com o objetivo de demonstrar como a ampliação da crítica moral por Deleuze oferece uma alternativa à moral tradicional e contribui para o debate ético contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Deleuze. Moral tradicional. Genealogia da moral. Vontade de poder.

1. INTRODUÇÃO

A moralidade tem sido um dos principais objetos de reflexão na história da filosofia, configurando-se como um sistema de valores e normas que orientam o comportamento humano e a organização social. No entanto, a tradição moral ocidental foi amplamente questionada por Friedrich Nietzsche (1844-1900), que, por meio de uma abordagem genealógica, buscou desvendar suas origens e denunciar seu caráter repressivo. Sua crítica se fundamenta na distinção entre a moral dos senhores e a moral dos escravos, conceitos centrais para compreender como os valores dominantes foram historicamente construídos a partir do ressentimento e da negação da vida. Posteriormente, Gilles Deleuze (1925-1995) retomou o pensamento nietzschiano, conferindo-lhe novos desdobramentos ao integrar a crítica moral a sua própria filosofia da multiplicidade e do devir.

Diante da persistência de padrões morais que estruturam sociedades contemporâneas, muitas vezes restringindo a autonomia e a criação de novas formas de vida, o estudo das contribuições de Nietzsche e Deleuze torna-se fundamental para uma compreensão ampliada da ética. Nietzsche inaugura um questionamento radical ao denunciar a moral tradicional como instrumento de domesticação e subjugação da vontade de poder, e Deleuze, ao reinterpretá-lo, propõe um afastamento de modelos normativos fixos, valorizando a experimentação e a criação de novas perspectivas éticas. Assim, a articulação entre os

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Paulo Afonso de Araújo.

pensamentos desses dois filósofos se mostra relevante para o debate filosófico atual, que busca alternativas ao moralismo dogmático e à hierarquização de valores.

Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre Nietzsche e Deleuze no que tange à crítica à moral tradicional. Para isso, serão abordados os principais conceitos nietzschianos, como a transvaloração dos valores, a genealogia da moral e a vontade de poder, destacando como esses elementos são ressignificados por Deleuze, especialmente em sua obra *Nietzsche e a Filosofia* (1962). Além disso, será discutida a maneira como Deleuze amplia a crítica nietzschiana ao integrar suas reflexões sobre o desejo e a multiplicidade, oferecendo uma nova perspectiva para o pensamento ético.

Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem analítica e qualitativa, baseada em revisão bibliográfica. O corpus teórico é composto pelas principais obras de Nietzsche e Deleuze, além de comentadores que analisam suas contribuições filosóficas. O trabalho está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, será apresentada a crítica de Nietzsche à moralidade ocidental, com ênfase na genealogia da moral e na transvaloração dos valores. Em seguida, a segunda seção abordará a leitura de Deleuze sobre Nietzsche e sua ampliação da crítica moral. Por fim, na conclusão, serão sintetizados os principais pontos da discussão e ressaltadas as implicações da crítica nietzschiana e deleuzeana para a filosofia contemporânea.

2. NIETZSCHE E A CRÍTICA A MORAL

Friedrich Nietzsche (1844-1900), um dos filósofos mais influentes e controversos do século XIX, revolucionou a reflexão sobre moralidade, cultura e conhecimento. Sua obra desafia os fundamentos da moral tradicional ocidental, questionando os valores herdados da tradição judaico-cristã e das concepções metafísicas da filosofia clássica. Nietzsche propõe uma abordagem genealógica da moral, investigando suas origens e revelando seu papel na domesticação dos instintos humanos. Sua crítica parte do pressuposto de que os valores morais não são universais ou naturais, mas construções históricas que servem a determinadas relações de poder e controle social.

A formação intelectual de Nietzsche foi marcada por uma trajetória acadêmica na filologia clássica, área que lhe proporcionou um profundo contato com a cultura grega e latina. Sua leitura de filósofos antigos, como Sócrates, Platão e os estoicos, aliada à influência de Schopenhauer e Wagner, contribuiu para a formulação de sua visão crítica sobre a moralidade. Embora inicialmente próximo ao pessimismo metafísico de Schopenhauer, Nietzsche se afastou dessa perspectiva, rejeitando sua negação da vida e propondo, em contrapartida, uma filosofia afirmativa baseada na vontade de poder.

Em *Genealogia da Moral* (1887), Nietzsche empreende uma análise histórica e crítica da moral ocidental, demonstrando como sua estrutura se baseia em uma inversão de valores operada por ressentimento. Ele distingue dois tipos fundamentais de moral: a moral dos senhores e a moral dos escravos. A moral dos senhores, predominante nas sociedades aristocráticas, valoriza a força, a nobreza e a afirmação da vida. Nessa moralidade, "bom" é associado ao forte, ao criador de valores, enquanto "ruim" caracteriza a fraqueza e a submissão. Por outro lado, a moral dos escravos surge como uma resposta ressentida dos grupos oprimidos, que, incapazes de impor seus valores de maneira ativa, constroem uma moral baseada na negação da vontade de poder. Essa inversão moral exalta a humildade, a piedade e a renúncia como virtudes superiores, enquanto condena o orgulho, a força e a autonomia.

Nietzsche identifica no cristianismo a mais bem-sucedida expressão da moral dos escravos. Para ele, a valorização do sofrimento, da compaixão e da obediência configura um sistema de repressão dos instintos humanos, sustentado por promessas de recompensa em uma realidade transcendental. A moral cristã, ao condenar a afirmação da vida e submeter o indivíduo a um ideal ascético, perpetua um ciclo de decadência e enfraquecimento da humanidade. Essa denúncia nietzschiana não é apenas uma crítica à religião, mas um questionamento radical das bases sobre as quais a cultura ocidental construiu seus valores éticos.

A partir dessa crítica, Nietzsche propõe a transvaloração dos valores, um processo de reavaliação e superação dos paradigmas morais tradicionais. Em vez de substituir um conjunto de normas por outro, a transvaloração busca libertar o indivíduo da moral repressiva e abrir caminho para a criação de novos valores, baseados na potência da vida e na expressão da vontade de poder. Esse conceito, central na filosofia nietzschiana, rompe com a concepção de uma moral universal e propõe um modelo ético dinâmico, orientado para a autoafirmação e a criatividade.

A vontade de poder é outro conceito fundamental na crítica moral de Nietzsche. Longe de ser um desejo de dominação sobre os outros, a vontade de poder é compreendida como um impulso fundamental de expansão e autoaperfeiçoamento. Ela representa a força motriz da vida e da criação de valores, em contraste

com a moral dos escravos, que busca suprimir essa potência vital. A repressão da vontade de poder leva à estagnação e à decadência, enquanto sua afirmação possibilita a construção de novas perspectivas éticas e existenciais.

Essa perspectiva culmina na concepção do *Übermensch* (super-homem), figura que simboliza a superação dos valores tradicionais e a criação de uma nova moralidade, não baseada na negação da vida, mas na afirmação de sua plenitude. O super-homem representa aquele que rompe com os ideais herdados e estabelece seus próprios princípios, livres das amarras do ressentimento e da submissão.

Para ilustrar sua análise sobre a origem dos valores morais, Nietzsche demonstra como o conceito de "bom" foi historicamente construído e reinterpretado ao longo do tempo. Ele argumenta que os valores morais não possuem um fundamento absoluto, mas são resultado de processos sociais e históricos marcados pelo esquecimento de suas origens. Nesse sentido, o filósofo destaca que a moral tradicional nasce de uma inversão de significados, na qual determinados comportamentos passam a ser vistos como bons não por sua essência, mas pela forma como foram assimilados culturalmente.

A *Genealogia da Moral* apresenta uma crítica contundente à moral tradicional ocidental, que se estrutura em conceitos dicotômicos de bem e mal, consolidando uma visão moral baseada em dualidades rígidas. Nietzsche denuncia que essa moralidade, oriunda do ressentimento dos fracos e oprimidos, desvaloriza a vida terrena em prol de uma busca por valores sobrenaturais e idealizados. Para ele, a moral tradicional não apenas reprime e controla os instintos naturais, mas também distorce a percepção dos próprios valores, criando uma inversão moral onde o que originalmente era associado à nobreza e à força passa a ser condenado como perverso, enquanto a fraqueza e a submissão são enaltecidas como virtudes.

A pesquisa genealógica empreendida por Nietzsche não apenas revela as complexidades da moral, mas também suscita novas questões sobre a origem e o desenvolvimento dos valores. Até a publicação de *Genealogia da Moral*, os estudos prévios sobre moralidade não conseguiram satisfazer suas indagações, como, por exemplo, a abordagem de Arthur Schopenhauer. Segundo Giacóia:

A filosofia de Schopenhauer é, na *Genealogia da Moral*, apreendida como um sinal inquietante de debilidade cultural. Schopenhauer havia glorificado filosoficamente a compaixão como verdadeiro núcleo espiritual, o cerne racional da moralidade e, com isso, chancelado metafisicamente a avaliação dos sentimentos e impulsos altruístas [...] como condição de essência e verdade da moral. Tal avaliação tinha origem numa transfiguração metafísica dos valores fundamentais da moral cristã, não mais tomados como dogma religioso, mas como fundamento da moral (Giacóia, 2001, p. 18).

Além de criticar a influência do pensamento metafísico na moralidade, Nietzsche busca demonstrar como a própria origem dos valores morais foi esquecida e distorcida ao longo do tempo. Ele argumenta que as noções de "bom" e "mau" não surgiram de uma essência moral intrínseca, mas de um processo histórico no qual determinados comportamentos passaram a ser vistos como positivos ou negativos conforme os interesses dos grupos dominantes. A construção da moral ocidental, segundo Nietzsche, ocorre a partir de um processo de inversão de valores, no qual a moral dos escravos ressignifica a força e a autonomia como vícios, ao mesmo tempo em que transforma a submissão e a fraqueza em virtudes. Esse deslocamento ocorre de maneira quase

imperceptível ao longo da história, fazendo com que os indivíduos aceitem os valores morais como naturais, sem questionar suas origens e implicações.

O século XIX foi um período de transformações intensas, marcado por mudanças intelectuais, políticas e sociais que impactaram significativamente a estrutura das sociedades europeias. A ascensão do nacionalismo, o avanço da industrialização e o crescimento das ideias liberais e positivistas geraram um ambiente de efervescência filosófica e cultural. Nesse cenário, Nietzsche emerge com uma crítica radical à moral tradicional, propondo uma abordagem filosófica inovadora e desafiadora, que coloca em questão os valores herdados e reivindica uma reavaliação profunda da ética e da existência humana.

Ao mesmo tempo, o declínio da crença na religião como fundamento absoluto da moralidade abriu espaço para novas discussões sobre o papel da ética e dos valores na sociedade moderna. Nietzsche, como pensador perspicaz e provocador, insere-se nesse contexto de ruptura e questionamento, buscando não apenas compreender, mas transformar a forma como a moralidade é concebida e vivida.

3. COM NIETZSCHE E ALÉM DE NIETZSCHE

A crítica de Nietzsche à moralidade tradicional continua sendo um dos temas mais debatidos da filosofia contemporânea. Suas reflexões desafiam concepções arraigadas sobre ética, autonomia e poder, abrindo caminho para abordagens filosóficas que buscam repensar os fundamentos da moral. Gilles Deleuze, um dos principais intérpretes de Nietzsche no século XX, retoma essas questões e amplia a crítica nietzschiana, inserindo-a em uma perspectiva de multiplicidade e devir, que rejeita qualquer estrutura fixa de valores. Ao articular a crítica à moral tradicional com uma nova concepção de ética baseada na criação e na experimentação, Deleuze estabelece um diálogo fecundo com o pensamento de Nietzsche, desdobrando suas implicações para a filosofia e para o entendimento das relações humanas.

A crítica deleuzeana à moral se assemelha à de Nietzsche, mas apresenta nuances distintas que a tornam uma expansão e reformulação do pensamento do filósofo alemão. Ambos questionam os valores morais absolutos e rejeitam as dicotomias tradicionais, como bem e mal, criticando a maneira como esses conceitos estruturam um sistema normativo que aprisiona a vida. No entanto, Deleuze aprofunda essa análise ao enfatizar que a moral tradicional não apenas reprime a afirmação da vida, como também sufoca a multiplicidade e a diversidade inerentes à existência, reduzindo-a a categorias fixas e limitadoras.

Para Deleuze, a moral tradicional opera como um mecanismo de controle e domesticação dos desejos e afetos, restringindo a liberdade criativa do indivíduo. Embora compartilhe da perspectiva nietzschiana de que a moralidade dos "escravos" surge como uma reação ressentida à superioridade dos "senhores", ele expande essa crítica ao argumentar que essa dinâmica não deve ser entendida apenas como uma inversão de valores. Em sua visão, a moral tradicional não apenas inverte os valores aristocráticos, mas impõe estruturas rígidas que neutralizam a potência da vida. Assim, Deleuze defende que é possível romper com esse sistema normativo ao conceber novas formas de existência que não estejam subordinadas a uma moralidade repressiva, mas sim orientadas por uma lógica de experimentação e transformação contínua.

O conceito de moral em Nietzsche é central para compreender essa crítica. Para ele, a moralidade tradicional não possui um fundamento absoluto ou universal; pelo contrário, é uma construção histórica e

contingente, moldada pelas condições culturais e sociais de cada época. Nietzsche argumenta que a moral tradicional está fundamentada em uma perspectiva repressiva da vida, desvalorizando a espontaneidade dos instintos humanos e impondo limitações à busca pela excelência e autossuperação. Dessa forma, ele propõe uma revisão radical das concepções morais que permita afirmar a vida em sua potência criativa e libertadora.

Deleuze retoma essa crítica a moral tradicional e amplia sua perspectiva ao integrar a ideia da multiplicidade como fundamento ético. Para ele, a moral tradicional reduz a complexidade da vida a oposições binárias e categorias estanques, impossibilitando a emergência de novos modos de existência. Nesse sentido, sua crítica não se limita a uma mera rejeição da moral tradicional, mas propõe um deslocamento radical da própria noção de moralidade. Ele argumenta que a transvaloração dos valores, tal como pensada por Nietzsche, deve ser concebida não apenas como uma substituição de um conjunto de normas por outro, mas como um processo contínuo de transformação e experimentação, que possibilite a criação de novas formas de vida sem amarras fixas.

Um dos conceitos que sustenta essa perspectiva é a reformulação deleuzeana da vontade de poder. Enquanto Nietzsche a define como o impulso fundamental da vida, Deleuze enfatiza seu caráter diferencial e criativo. Para ele, a vontade de poder não deve ser entendida como uma luta pela dominação, mas como um princípio dinâmico que gera relações de força e permite a produção incessante de novas configurações da realidade. Isso fica evidente na seguinte passagem:

A vontade de poder é, então, o elemento genealógico da força, ao mesmo tempo diferencial e genético. A vontade de poder é o elemento do qual decorrem, ao mesmo tempo, a diferença de quantidade das forças postas em relação e a qualidade que, nessa relação, cabe a cada força. A vontade de poder revela aqui sua natureza: ela é princípio para a síntese das forças (Deleuze, 1976, p. 41-42).

Essa concepção implica que a moral tradicional não apenas reprime a vontade de poder, mas também cristaliza valores de forma estática, impedindo que a vida se expresse em sua multiplicidade. Nietzsche antecipa essa ideia ao sugerir que a busca pela verdade, frequentemente tomada como um princípio absoluto, é na realidade uma manifestação da vontade de poder:

Vontade de conhecer a verdade" chamais vós, os mais sábios dentre os sábios, àquilo que vos impele e inflama? Vontade de que todo o existente possa ser pensado: assim chamo eu à vossa vontade! Quereis, primeiro, tornar todo o existente possível de ser pensado; pois, com justa desconfiança, duvidais de que já o seja (Nietzsche, 2008, p. 143).

É essa a vossa vontade, ó os mais sábios dentre os sábios, como vontade de poder, e também quando falais do bem e do mal e das apreciações de valor. [...] Colocastes a vossa vontade e os vossos valores no rio do devir; uma velha vontade de poder revela-me aquilo em que o povo acredita como sendo o bem e o mal. [...] Não o rio é o vosso perigo e o fim do vosso bem e mal, ó os mais sábios dentre os sábios, mas aquela mesma vontade, a vontade de poder – a inesgotável e geradora vontade de viver (Nietzsche, 2008, p. 144).

Ao destacar a relação entre verdade e vontade de poder, Nietzsche denuncia que a moral tradicional não apenas constrói valores arbitrários, mas também busca fixá-los como verdades universais, impedindo que

sejam questionados e reelaborados. Deleuze se apropria dessa crítica e a expande ao propor uma ética da imanência, em oposição à moral transcendente. Enquanto a moral tradicional busca justificar-se em princípios exteriores e absolutos, a ética da imanência parte da própria vida e das relações de força que a constituem, permitindo a criação de valores fluidos e em constante transformação.

Dessa forma, Deleuze não apenas continua a crítica nietzschiana à moral, mas a leva a novos horizontes ao enfatizar a necessidade de dissolver estruturas fixas e abrir espaço para a multiplicidade de formas de existência. Sua filosofia propõe uma ruptura radical com qualquer modelo normativo estático, defendendo que a vida deve ser vivida como um experimento contínuo, onde valores e significados são constantemente recriados em função das forças em jogo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações A crítica de Nietzsche à moral tradicional e sua ampliação por Deleuze revelam um aspecto central da filosofia contemporânea: a necessidade de questionar valores que, por muito tempo, foram considerados universais e absolutos. Ao demonstrar que a moralidade é um constructo histórico, Nietzsche desconstrói a ideia de que há um fundamento transcendente para as normas e valores, evidenciando como a moral dos escravos se consolidou como um instrumento de repressão e domesticação dos impulsos humanos. Sua proposta de transvaloração dos valores não busca apenas substituir uma moral por outra, mas inaugurar uma nova forma de compreender a ética, baseada na afirmação da vida e na superação da rigidez normativa.

Deleuze, por sua vez, expande essa crítica ao inserir a noção de multiplicidade e devir, questionando não apenas os valores herdados, mas a própria necessidade de qualquer sistema fixo de moralidade. Para ele, a ética não deve ser pensada como um conjunto de normas, mas como um campo aberto de experimentação, onde os indivíduos criam seus próprios modos de existência. Essa perspectiva se contrapõe frontalmente às concepções tradicionais de moral, que operam por meio de binarismos rígidos e limitam a potência criativa da vida.

A importância dessas críticas transcende o campo estritamente filosófico. Em um mundo marcado pela pluralidade de perspectivas e pela contestação de normas sociais que historicamente serviram para subjugar determinados grupos, a proposta de uma ética que rejeita valores universais e abre espaço para novas formas de existência se mostra essencial. A valorização da diferença, da multiplicidade e da criação de novos modos de vida reflete um dos principais desafios éticos contemporâneos: repensar a moralidade de forma dinâmica e aberta, sem recorrer a princípios fixos que limitem a liberdade e a potência do devir.

Dessa forma, a filosofia de Nietzsche e Deleuze não apenas desafia a moral tradicional, mas também propõe uma alternativa radicalmente inovadora: uma ética imanente, baseada na criação contínua de valores e na recusa da submissão a normas impostas. Em vez de buscar uma verdade moral última, essa perspectiva convida à experimentação e à invenção de novas formas de viver, reconhecendo a vida como um fluxo incessante de transformações. Esse legado filosófico permanece atual e desafiador, instigando a repensar os fundamentos da moral e da ética em um mundo em constante mudança.

REFERÊNCIAS

DA SILVA, Lays Rodrigues; DE AZEREDO, Vânia Dutra. **Juízos De Valor Bom E Mau, Bom E Ruim Em Nietzsche**. 2013 Tese de Mestrado. Puc-Campinas 2013.

DELEUZE, G. **Nietzsche et la philosophie**. Paris, PUF, 1962. Trad. bras. Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias, Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1976.

FERNANDES, Felipe. **Ensaio sobre ética segundo Gilles Deleuze**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2021.

GIACÓIA, Oswaldo. **Para a Genealogia da Moral / Nietzsche**. Adaptação de Oswaldo Giacóia Júnior – São Paulo: Scipione, 2001. – (Série Reencontro Filosofia).

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Edipro, 2019.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zarathustra**. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral: uma polêmica, tradução, nota e posfácio de Paulo Cesar de Souza**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2009.